

# O uso de notas do tradutor na versão brasileira de três histórias clínicas de Sigmund Freud

Tito Lívio Cruz Romão<sup>a</sup>

## Resumo

*Este artigo tem como objetivo apresentar, em primeiro lugar, uma discussão sobre o emprego de notas do tradutor. Para tanto, recorre-se a autores consagrados como Genette (1987; 2009), Nida (1964; 2003), Rónai (1975; 1981) e Mittmann (2003). Em segundo lugar, visa-se, aqui, a apresentar uma discussão concreta sobre a utilidade de notas do tradutor com base em exemplos extraídos da versão brasileira – ainda em processo de conclusão – de três histórias clínicas de Sigmund Freud. Mediante a apresentação dos trechos originais em alemão, contrastados com as propostas de tradução em português brasileiro, serão apontados os trechos ou as expressões que provocam a necessidade do emprego de notas do tradutor. Em seguida, sempre serão apresentadas e discutidas as notas propostas para as versões brasileiras que, em breve, deverão ser publicadas. Como resultado, este artigo mostra que, sem o emprego de determinadas notas do tradutor, alguns trechos das histórias clínicas freudianas ficariam, na versão em português brasileiro, pouco compreensíveis.*

**Palavras-chave:** notas do tradutor; histórias clínicas; Freud; alemão; português brasileiro.

Recebido em: 01/03/2019

Aceito em: 15/07/2019

<sup>a</sup> Professor no Programa de Pós-Graduação em Letras - Literatura Comparada da Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: cruzromao@terra.com.br.

*Some translations are published with relatively extensive notes. In such instances they are usually classified as commentaries. Such commentaries are often based on traditionally translated texts.*

(Eugene Nida)

## **Introdução**

Na prática da tradução editorial voltada para a produção de livros científicos, não raro os tradutores e/ou os editores responsáveis pela versão na língua vernacular veem-se obrigados, visando a uma maior clareza no tratamento dado às informações originais no idioma estrangeiro, a recorrerem a estratégias metatextuais que vão desde explicações inseridas dentro do próprio texto, passando por listas de vocabulários dispostas no final da obra, até as chamadas notas do tradutor, que podem, por exemplo, ser exibidas como notas de rodapé, de fim de livro ou marginais. As notas do tradutor podem advir da necessidade gerada pela própria distância existente entre as línguas de partida e chegada, bem como de dificuldades impostas pela novidade, estranheza ou, simplesmente, pelo total ineditismo da temática discutida no texto original, que, em dado momento, necessita ser traduzido em outra língua-cultura. Genette (2009, p. 281) define a nota em geral como “um enunciado de tamanho variável (basta uma palavra) relativo a um segmento mais ou menos determinado de um texto, e disposto seja em frente seja como referência a esse segmento”. Após esclarecer que as notas em geral têm sua origem na Idade Média, o autor acrescenta que “o destinatário da nota é certamente, em princípio, o leitor do texto, excluía qualquer outra pessoa (caso contrário – o que é ainda mais manifesto que no prefácio – ela correria o risco, na maioria das vezes, de não ter nenhum sentido)” (GENETTE, 2009, p. 285). Partindo-se do pressuposto de que as notas existem, em primeira linha, como criação do próprio autor da obra a ser vertida em outro idioma, a obra traduzida poderá conter: a) notas autorais originais vertidas na língua de chegada; b) notas explicativas do tradutor; e c) notas explicativas do editor. À guisa de observações esclarecedoras sobre trechos de um determinado texto, as notas em geral e as notas do tradutor (doravante: N.T.) em particular lançam luz sobre informações acerca de termos técnicos, palavras culturalmente marcadas, neologismos, jogos de palavras, chistes, contextos históricos,

geográficos, teóricos etc. No tocante à sua disposição, as N.T. podem vir em forma de notas de fim de página, fim de capítulo, fim de livro, notas marginais etc. Em um estudo realizado sobre a relação entre notas do tradutor e processo tradutório, Mittmann (2003) recorre à opinião de Nida (1964; 2003) acerca dessa estratégia metatextual de tradução.

Todavia, antes de abordarmos as citações feitas por Mittmann, cumpre-nos destacar que Nida, desde a consolidação dos Estudos da Tradução como disciplina autônoma (HOLMES, 1972), tem sido motivo de críticas ora positivas, ora negativas, no tocante ao seu papel de teórico da tradução. Ao escrever sobre a “ilusão da equivalência”, Mary Snell-Hornby (1988; 1995, p. 13 et seq.) reconhece, por um lado, a grande influência exercida por Nida no campo da translatoologia baseada em princípios linguísticos, mas frisa, por outro lado, que Nida era “mais um tradutor da Bíblia que um linguista”. Alguns anos mais tarde, Snell-Hornby (2006, p. 25) sublinha o fato de o mesmo Nida, em sua obra de 1964, ter descrito a língua como “parte integrante da cultura”, procedimento que seria seguido pela teórica britânica radicada na Áustria, em consonância, por exemplo, com Reiss e Vermeer (1991); em sua obra seminal sobre a Teoria do Escopo, esses dois últimos teóricos citam algumas ideias de Nida convergentes com a concepção do ato de traduzir gerada na escola funcionalista. Para Radegundis Stolze (2011, p. 89 et seq.), a “abordagem funcional” de Nida, que, mediante a gramática gerativo-transformacional, criou um método de tradução constituído de três fases (análise, transferência e síntese), representou “a pedra fundamental” para o estabelecimento de uma Ciência da Tradução. Stolze também reconhece que os primeiros trabalhos de Nida eram baseados em etapas de análises sintáticas, mas ressalta, em uma nota de rodapé (STOLZE, 2011, p. 93), citando um texto publicado por Nida em 1985, que o teórico não mais se limitava “à ideia de que o significado está centrado em palavras ou mesmo em distinções gramaticais”. Edwin Gentzler (2009, p. 84 et seq.), por seu turno, critica abertamente o fato de “as crenças religiosas” de Nida tenderem a “ser instrumentais na formulação de sua abordagem científica” e de Nida parecer “estar fundindo o papel do tradutor com o do missionário”.

Apesar das diferentes opiniões sobre o papel de Nida para os Estudos da Tradução, destacamos, aqui, a utilidade

específica de suas reflexões sobre o emprego de N.T., objetivo precípua deste artigo. Vejamos, a seguir, o relevo dado por Mittmann (2003) à opinião de Nida sobre N.T.:

Para Eugene Nida (1964, p. 238), as N.T. devem ser usadas quando a tradução resultar numa expressão sem sentido ou equivocada. A N.T. apresenta duas funções: de acrescentar informações que possam ser úteis para a compreensão do contexto histórico-social e de corrigir discrepâncias linguísticas e culturais. Isto é feito, por exemplo, explicando costumes diferentes, identificando objetos e lugares desconhecidos, apresentando equivalentes de pesos e medidas, oferecendo informações sobre trocadilhos e incluindo dados sobre nomes próprios. (MITTMANN, 2003, p. 115).

O próprio Nida<sup>1</sup> (1964; 2003, p. 238-239) explica que “quando uma tradução literal ou muito próxima do original resulta numa expressão sem sentido ou numa interpretação errada, os ajustes necessários são feitos dentro do próprio texto”. Trata-se, nesse caso, de explicações inseridas diretamente no próprio corpo do texto traduzido, mas que, em geral, não deverão aumentar o volume do texto de forma excessiva. Sobre esse tipo de N.T., Mittmann (2003, p. 129) aponta que “a reformulação se daria dentro do próprio texto da tradução, introduzida por expressões como ‘isto é’, ‘quer dizer’, ‘ou seja’, ou ainda entre parênteses”. A autora também explicita que são justamente aqueles tradutores proibidos pelas editoras de utilizarem N.T. que mais apelam para essa estratégia explicativa. Em segundo lugar, Nida elucida que as N.T. “podem ser dispostas na página em que se faz referência ao objeto ou evento [que as gerou], ou a substância de tais notas pode ser resumida na forma de tabelas ou glossários apensos na parte final do livro” (1964; 2003, p. 239). Como se pode concluir, para Nida, as N.T. são, em suma, uma mesma estratégia metatextual que, em conformidade com o local em que são dispostas – dentro do texto traduzido, em forma de notas de pé ou fim de página, em forma de glossários ou tabelas informativas –, assumem uma característica formal distinta em sua função – no dizer de Genette – de paratextos editoriais. Concluindo suas ideias sobre N.T., Nida afirma que “algumas traduções são publicadas com notas relativamente extensas. Nesses casos, normalmente são classificadas como comentários. Amiúde, tais comentários são baseados tradicionalmente em textos traduzidos” (1964; 2003, p. 239).

<sup>1</sup> As citações de Nida serão apresentadas todas em nossa tradução.

Sobre o teor explicativo das N.T., Mittmann (2003, p. 115) explora outro ângulo de visão, recorrendo a algumas noções estabelecidas por Paulo Rónai (1975; 1981, p. 100) sobre o mesmo tema:

O que se há de fazer, quando o texto, insuficientemente claro para leitores de outra nação, exige explicações? Há o recurso às notas, ao pé da página ou no fim do volume. Tais notas atualmente são desaconselhadas em livros de ficção, onde, ao que se diz, contribuem para quebrar a ilusão, prejudicando a identificação do leitor com a obra. Por isso há quem recomende ao tradutor encontrar um jeito para incorporá-las ao texto sem o sobrecarregar.

Sobre a necessidade das N.T. e sua realização durante o processo tradutório, há de se destacar que sua necessidade pode ser gerada tanto pelo próprio tradutor como também, conforme já adiantamos ao nos referirmos às notas do editor, podem ser motivadas pela leitura dos textos finais pelos profissionais a quem cabem a revisão e/ou a editoria final da obra traduzida a ser publicada. De maneira análoga às notas de pé de página em geral, o procedimento para se realizarem as N.T. segue a mesma orientação dada por Genette para aquelas: “Nossa prática mais comum consiste em ‘chamar’ as notas no texto por meio de um determinado procedimento (algarismo, letra, asterisco) e indexar cada uma delas por uma chamada idêntica ou por uma menção referente ao texto (palavra, linha)” (GENETTE, 2009, p. 283).

Sobre a criação de N.T. dispostas em pé de página, Mittmann resume o ato comunicativo gerado por essa técnica tradutória com a seguinte afirmação:

Ao criar a N.T., o tradutor abre um espaço ao lado da expressão em questão, no próprio texto da tradução, portanto, no nível do intradiscurso, mas remete este espaço para fora da margem do texto, isto é, para o pé de página. Além disso, há um novo discurso dentro do espaço da nota e não uma formulação dentro do intradiscurso do texto da tradução. (MITTMANN, 2003, p. 129).

Neste artigo, serão abordadas algumas questões referentes às N.T. consideradas necessárias pelo tradutor durante o processo de versão, diretamente do alemão, de três histórias clínicas de Sigmund Freud, que deverão ser publicadas entre 2019 e 2020 no âmbito da coleção *Obras*

*incompletas de Sigmund Freud*, coordenada pelo psicanalista, filósofo e editor Gilson Iannini, e pelo psicanalista, germanista e tradutor Pedro Heliodoro Tavares, sob a chancela da Editora Autêntica. As traduções já publicadas nessa coleção têm dado vazão, de uma maneira ou de outra, a diferentes estratégias metatextuais, visando a esclarecer alguns aspectos dignos de aprofundamento durante (por meio de N.T.) ou após o processo tradutório (por meio de notas do editor). Observe-se que alguns dos livros dessa coleção foram publicados em edições bilíngues. Em geral, sempre que necessário, vê-se o emprego de notas explicativas tanto dos tradutores quanto dos editores – para além dos próprios comentários autorais de Freud –, corroborando o espírito tradutório-editorial ensejado pelos idealizadores dessa coleção, como é destacado na segunda orelha de cada livro publicado:

A tradução e a edição da obra de Freud envolvem múltiplos aspectos e dificuldades. Ao lado do rigor filológico e do cuidado estilístico, ao menos em igual proporção, deve figurar a precisão conceitual. Embora Freud seja um escritor talentoso, tendo sido agraciado com o Prêmio Goethe, inclusive pela qualidade de sua prosa científica, seus textos fundamentam uma prática: a clínica psicanalítica. É claro que os conceitos que emanam da Psicanálise também interessam, em maior ou menor grau, a áreas conexas, como a crítica social, a teoria literária, a prática filosófica etc. Nesse sentido, escolhas terminológicas nunca são anódinas. A coleção *Obras Incompletas de Sigmund Freud* pretende não apenas oferecer uma nova tradução, direta do alemão e atenta ao uso dos conceitos pela comunidade psicanalítica brasileira, como também uma nova maneira de organizar e tratar os textos. Um convite para que o leitor desconfie do caráter apaziguador que o adjetivo “completas” comporta. (FREUD, 2013, segunda orelha).

Considerando o diversificado leque de problemas a serem resolvidos pelo tradutor durante o processo tradutório de textos científicos, o autor deste artigo, também tradutor das três histórias clínicas – ou casos clínicos – objeto deste artigo, apresentará, a seguir, algumas N.T. consideradas necessárias para uma melhor compreensão dos seguintes casos clínicos analisados, explicados e publicados por Freud: a) *Bruchstücke einer Hysterie-Analyse* [O Caso Dora]; b) *Analyse der Phobie eines fünfjährigen Knaben* [O Pequeno Hans]; e c) *Aus der Geschichte einer infantilen Neurose* [O Homem dos Lobos]. É importante

ressaltar que os títulos em português ainda são provisórios, isto é, são indicação meramente contratual da editora, e que as N.T. abordadas a seguir ainda estão sujeitas à apreciação dos coordenadores da coleção e dos editores dos livros em que as histórias clínicas – em um número total de cinco – serão publicadas. Em conversa com um dos coordenadores das traduções, ficou claro quão bem-vindas são N.T. que possam deixar claro não apenas ao leitor comum em geral, mas também ao leitor especializado –psicanalistas, psicólogos e demais profissionais interessados – o que há por trás de determinadas palavras, expressões, alusões, intertextualidades etc. que correm o risco de se perder nas traduções, a menos que o tradutor intervenha e apresente alguma N.T. específica. Aqui serão abordadas algumas propostas de N.T. de cada um dos três casos clínicos examinados, segundo a ordem acima informada. Adiante-se que as traduções apresentadas nos trechos a seguir ainda não contêm referências bibliográficas, por ainda se tratar de um *work in progress*.

Cumpramos também explicar que o próprio Freud considerava os casos clínicos uma espécie de *romans à clef*, aquele tipo de narrativa em que personagens reais aparecem com nomes fictícios. Trata-se de uma maneira de apresentar as histórias autênticas dos pacientes, sem incorrer no ilícito de identificá-los por meio de seus verdadeiros nomes. No “Caso Dora”, Freud afirma:

Sei que há – pelo menos nesta cidade – muitos médicos – um número repulsivamente suficiente – que não querem ler uma história clínica destas como um artigo sobre a psicopatologia da neurose, mas como um *roman à clef* destinado a seu divertimento. A essa espécie de leitores, dou a certeza de que todas as minhas histórias clínicas a serem transmitidas posteriormente serão preservadas por garantias semelhantes de sigilo contra sua perspicácia, embora esse propósito tenha-me obrigado a submeter a minha exploração do meu material a uma restrição excepcional.<sup>2</sup>

A partir dessas considerações, passamos à apresentação e aos comentários de algumas N.T. escolhidas. Sempre que necessário, serão apresentados os trechos originais da respectiva história clínica, acompanhados da proposta de tradução correspondente. Entendemos que a antecipação de algumas das N.T., no presente artigo, também servirá como uma forma de poder verificar-se, após a publicação das histórias pela

<sup>2</sup> “Ich weiß, daß es – in dieser Stadt wenigstens – viele Ärzte gibt, die – ekelhaft genug – eine solche Krankengeschichte nicht als einen Beitrag zur Psychopathologie der Neurose, sondern als einen zu ihrer Belustigung bestimmten Schlüsselroman lesen wollen. Dieser Gattung von Lesern gebe ich die Versicherung, daß alle meine etwa später mitzuteilenden Krankengeschichten durch ähnliche Garantien des Geheimnisses vor ihrem Scharfsinn behütet sein werden, obwohl meine Verfügung über mein Material durch diesen Vorsatz eine ganz außerordentliche Einschränkung erfahren muß.” (FREUD, [1942] 1999a, p. 165)

editora, se foram julgadas igualmente úteis e plausíveis pelos coordenadores da tradução e pelos editores da publicação.

Esclarecemos que, na versão brasileira das três históricas clínicas aqui usadas como exemplos, em geral se opta pelo uso de N.T. e não, por exemplo, por explicações estendidas no próprio corpo do texto freudiano; dessa maneira, tenciona-se trazer para o leitor brasileiro não fluente em alemão, sempre que possível, as feições próprias do texto original, com seus jogos de palavras, tons, matizes, associações etc., como Freud as cunhou. Ao explicitá-las nas N.T., tenta-se passar aos leitores – especialistas ou não em Psicanálise – o entrelaçamento entre a componente literária e a científica existente nesses textos de Freud.

### 1. O caso Dora

Nessa histórica clínica, nota-se a presença alternada de termos como *krank*, *Kranke*, *Kranker* (e também alguns vocábulos derivados), paralelamente ao uso dos vocábulos *Patient/Patientin*, o que levou o tradutor a pensar sobre um uso igualmente alternado de termos, evitando tomar uma decisão apenas por uma palavra que soasse mais direta (como “doente”, em português) ou uma mais eufemística (como “paciente”). Tentando-se acompanhar a mesma linha de escolha semântica de Freud, pensou-se na seguinte N.T. que poderá ser esclarecedora:

N. T.: Os vocábulos *krank* (adj.), *Kranke* (subst. fem.) e *Kranker* (subst. masc.) significam, em alemão, *doente*. Embora, em português, também haja os vocábulos *enfermo/enferma*, aqui, em geral, se recorrerá ao vocábulo *doente*. Este termo permitirá que se siga mais facilmente a cadeia semântica proposta por Freud mediante o frequente uso de palavras compostas por derivação e/ou por justaposição com base em *krank*, tais como: *Krankheit* [doença], *Erkrankung* [doença, adoecimento] etc.). Em alguns compostos por justaposição, haverá variações na tradução do termo *krank*, como ocorre, por exemplo, em *Krankheitsgeschichte* [história clínica, caso clínico, história da doença] e em *Krankheitszustand* [estado patológico]. Em trechos de seu texto, Freud também utiliza os termos *Patient/Patientin* [o paciente, a paciente], que correspondem ao sentido presente, em português, no vocábulo *paciente*: “indivíduo doente; indivíduo que está sob cuidados médicos”.

A N.T. também permite que leitores mais curiosos percebam a dificuldade que há em manter-se o mesmo jogo semântico existente entre palavras simples alemãs que entram como constituintes de vocábulos justapostos, muitas vezes perdendo-se, em português, esse caráter. É o caso do próprio termo *Krankengeschichte*, que soaria um tanto estranha em português como “história de doença/da doença”, embora, às vezes, seja possível esse uso, ou ainda *Krankheitszustand*, que encontra um correspondente mais comum em português na expressão “estado patológico”.

O pai de Dora mantinha uma relação amorosa não aberta com uma amiga da família. No texto original, Freud descreve essa mulher como *Freundin* do pai da moça, uma palavra que, na tradução em português, pode gerar problemas, já que, em alemão, comporta dois valores distintos. A seguir, será apresentado o trecho original de Freud, seguido da proposta de tradução:

Auch nachdem sie B. verlassen hatten, setzte sich der mehrjährige Verkehr fort, indem der Vater von Zeit zu Zeit erklärte, er vertrage das rauhe Klima nicht, er müsse etwas für sich tun, zu husten und zu klagen begann, bis er plötzlich nach B. abgereist war, von wo aus er die heitersten Briefe schrieb. All diese Krankheiten waren nur Vorwände, um seine Freundin wiederzusehen. (FREUD, 1999a, p. 165).

Também após terem se mudado de B., a relação de vários anos continuou, na medida em que o pai explicava não suportar o clima rigoroso e ter de fazer algo por si, começava a tossir e a queixar-se, até de repente viajar para B., de onde escrevia as cartas mais cheias de alegria. Todas essas doenças apenas eram pretextos para rever sua amiga.

Em primeiro lugar, destaque-se, no trecho original acima, a palavra *Freundin*, que foi explicada numa N.T. deste modo: “No original, a palavra utilizada – *Freundin* – é ambígua, pois tanto pode significar *amiga* quanto *namorada*”. Entende-se que, para o contexto psicanalítico, essa dubiedade do termo alemão seja relevante. Outra palavra que se sobressai nesse trecho é *Verkehr*, que tanto tem a ideia de “contato” quanto de “relação”. Trata-se, portanto, de um termo também gerador de ambiguidade.

Como a escrita de Freud era um misto de estilo literário e estilo científico, além de seu pendor para brincadeiras filológicas, é natural que, em alguns – senão em diversos

- momentos, ocorra essa dualidade. Também faz uso de referências à formação de palavras alemãs que, se não forem explicadas em N.T., acabam não sendo percebidas pelos leitores brasileiros. Veja-se este exemplo original acompanhado de sua proposta de tradução:

Jetzt wurde ein Verdacht bei mir zur Gewißheit. Bahnhof und Friedhof, an Stelle von weiblichen Genitalien, war auffällig genug, hatte aber meine geschärfte Aufmerksamkeit auf das ähnlich gebildete „Vorhof“ gelenkt, einen anatomischen Terminus für eine bestimmte Region der weiblichen Genitalien. (FREUD, 1999a, p. 262).

Agora uma suspeita se tornava certeza em mim. Estação de trem e cemitério, em lugar de genitais femininos, saltava muito à vista, mas chamara minha aguçada atenção para o vocábulo “vestíbulo”, composto de forma semelhante a “estação de tem” e usado como termo anatômico para uma determinada região dos órgãos genitais femininos.

Como as palavras alemãs *Bahnhof* e *Vorhof* têm, do ponto de vista linguístico, formação idêntica por justaposição, Freud faz essa alusão em seu texto, que fica sem sentido em português, já que os equivalentes a essas duas palavras alemãs não seguem, no vernáculo, o mesmo esquema composicional. Isso gerou a seguinte N.T.:

Freud faz referência à estrutura das duas palavras que em alemão têm sua origem, respectivamente, na justaposição de dois vocábulos para a formação de um novo. Estação de trem é a junção de *Bahn* [trem] e *Hof* [pátio], e *Vorhof*, de *Vor* [antes, anterior] e *Hof* [pátio]. Quanto ao termo anatômico a que se refere Freud, há em português o termo “vestíbulo vaginal”.

## 2. O pequeno Hans

Um dos grandes desafios de tradução dessa história clínica reside na linguagem infantil, permeada pelo uso de austriacismos, que Freud replica em sua caracterização de um garoto de cinco anos. Vale explicar que, nessa história clínica, a terapia não foi conduzida apenas por Freud, como ele próprio deixa claro na abertura de seu ensaio:

Die auf den folgenden Blättern darzustellende Kranken- und Heilungsgeschichte eines sehr jugendlichen Patienten entstammt, strenggenommen, nicht meiner Beobachtung. Ich

habe zwar den Plan der Behandlung im ganzen geleitet und auch ein einziges Mal in einem Gespräch mit dem Knaben persönlich eingegriffen; die Behandlung selbst hat aber der Vater des Kleinen durchgeführt, dem ich für die Überlassung seiner Notizen zum Zwecke der Veröffentlichung zu erstem Danke verpflichtet bin. (FREUD, 1999a, p. 243).

A história da doença e cura de um paciente muito jovem que será contada nas páginas a seguir não provém, em rigor, de minha observação. É verdade que, em linhas gerais, coordenei o plano do tratamento e, uma única vez, também intervim pessoalmente em uma conversa com o garoto, mas o tratamento em si foi conduzido pelo pai do menino, a quem sou profundamente grato por ter-me disponibilizado suas anotações visando a uma publicação.

Reiteramos que a histórica clínica em epígrafe apresenta ao tradutor uma série de dificuldades impostas pelo registro da fala infantil. Em uma N.T. introdutória, propõe-se a seguinte explicação sobre essa e outras dificuldades resultantes da polifonia existente ao longo do texto e, por conseguinte, dos diversos registros de fala:

Nos textos a seguir, podem-se constatar pelo menos três registros de fala distintos: a) as palavras do pai de Hans dirigidas a Freud; b) os diálogos entre Hans e seu pai; e c) o debate feito pelo próprio Freud sobre o material coletado. Há de se observar que a criança, ao falar em alemão, faz uso de uma linguagem infantil em que se constata alguns desvios da norma gramatical e/ou do uso normal de certas palavras. Em português, procurou-se fazer uma adaptação dessa linguagem infantil, visando a retratar o modo como Hans se expressa. Observe-se, ainda, que, sobretudo nos diálogos entre o pai e o garoto, o texto se caracteriza pelo uso do “alemão padrão austríaco-vienense”; dessa maneira, surgem várias palavras de uso tipicamente austríaco-vienense ou, por vezes, palavras que têm a mesma forma no alemão padrão da Alemanha, mas que, no alemão de Viena, assumem um outro significado. Sempre que necessário, será feita alguma menção a esse fato.

Nessa história clínica, Hans demonstra um interesse especial por seu *Wiwimacher*, mas também pelo *Wiwimacher* de outras crianças, inclusive de meninas, bem como de pessoas adultas. Para esclarecer o termo originalmente empregado por Freud, consta esta N.T.: “No texto original em alemão, Freud utiliza o termo *Wiwimacher*, que, traduzido literalmente em português, significa ‘fazedor de xixi’. Ao longo desta tradução,

será utilizada essa tradução literal, pois o termo não passa de uma invenção de Hans.”

Nos diálogos estabelecidos entre Hans e outras crianças, geralmente os nomes próprios dos envolvidos são pronunciados, em alemão austríaco, na forma do diminutivo; tal artifício textual gera um problema na versão brasileira: nomes próprios, nesse caso concreto, não se traduzem. Por isso mesmo, a marca de carinho, encontrada nas formas diminutivas, pode passar despercebida. Para tanto, pensou-se nesta N.T.: “Os nomes das crianças terminados em “(d)l” estão na forma diminutiva em alemão regional austríaco: *Franzl, Fritzl, Mariedl.*”

Sobre o uso de vocabulário técnico – por exemplo, termos médicos – Freud recorre, no caso clínico em questão, a uma técnica interessante. Na língua alemã, costuma haver uma duplicidade de termos para a designação de doenças, distúrbios, transtornos etc., normalmente um de origem grega, e o outro de origem germânica. O primeiro termo é, na maioria das vezes, erudito e, conseqüentemente, mais restrito ao domínio dos próprios profissionais da área médica. O segundo termo é aquele comumente utilizado por qualquer pessoa na fala cotidiana. Em *O pequeno Hans*, quando o pai do garoto se refere a uma fobia, ou quando isso é mencionado durante a atuação do pai como analista, o texto freudiano traz o termo mais comum; mais adiante, quando o próprio Freud aborda o termo em um contexto científico, emprega-se o termo técnico erudito. Um exemplo do uso do termo mais comum encontra-se neste trecho:

Erinnern wir uns noch zur Bestätigung der beiden Verführungsversuche, die er gegen die Mutter unternimmt, von denen der erste noch in den Sommer fällt, der zweite, knapp vor dem Ausbruch der Straßenangst, einfach eine Empfehlung seines Genitales enthält. (FREUD, 1999b, p. 261).

À guisa de confirmação, recordemos, ainda, as duas tentativas de sedução empreendidas em relação à mãe, lembrando que a primeira ainda ocorre no verão, e a segunda, um pouco antes de seu surto de medo das ruas, consiste em fazer propaganda de seus órgãos genitais.

Como Freud recorreu, num trecho em que já procede a uma avaliação aprofundada – e científica – dos dados coletados pelo pai, ao sinônimo erudito do termo *Straßenangst* (em outros

trechos também surge *Platzangst*), a saber, *Agoraphobie*, propõe-se, no trecho em que surge o primeiro vocábulo, a seguinte N.T.:

Como o termo técnico “agorafobia” (*Agoraphobie*, em alemão) somente é usado a partir da 2ª parte do 3º capítulo deste caso clínico, na qual Freud resume e discute os dados coletados pelo pai de Hans e emite seus próprios juízos a respeito desta história clínica, na presente tradução se optará por traduzir o termo *Straßenangst* por “medo das ruas”. É importante lembrar que o termo alemão *Agoraphobie* se refere ao medo de estar em espaços abertos (por exemplo, em ruas) e, além disso, tem como sinônimo *Platzangst* (literalmente: medo de [estar em] praças), que também pode ter o sentido, em outros contextos, de claustrofobia. Em alemão, muitos termos médicos existem na forma derivada de uma língua estrangeira – normalmente de origem greco-latina – e na forma vernacular. Em geral, o termo de origem estrangeira é utilizado pelos especialistas da área, enquanto os termos patrimoniais da língua alemã são usados na linguagem cotidiana.

Desse modo, explica-se, sobretudo ao leitor mais atento, por que motivo o texto brasileiro primeiramente traz o sintagma “medo das ruas”, e não uma expressão mais técnica já consagrada, que, nesse caso, é “agorafobia”. De forma análoga, há um trecho em que é aplicada a seguinte N.T.: “No texto original, Freud não emprega a palavra de origem estrangeira *Equinophobie* (‘equinofobia’), mas o termo vernacular *Pferdeangst* (‘medo de cavalos’).”

No tocante a austriacismos, destaque-se este trecho, em alemão, de uma fala de Hans: “Weil das Pferd mit den Füßen so gemacht hat (legt sich auf die Erde hin und macht mir das Zappeln vor). Ich hab’ mich erschrocken, weil es einen ‘Krawall’ gemacht hat mit den Füßen” (FREUD, 1999b, p. 285). Em português, a sugestão de tradução é esta: “Porque o cavalo fez assim com as pernas (deita-se no chão e imita o cavalo sacudindo as pernas). Fiquei assustado porque ele fez um ‘barulho’ com as pernas.” Propõe-se esta N.T. como forma de esclarecer o problema gerado pela palavra *Fuß* em alemão austríaco em contraste com *Fuß* em alemão padrão:

A palavra alemã *Fuß*, utilizada por Freud no texto original, pode significar no uso austríaco coloquial tanto “pé” quanto “perna”, ao passo que no alemão padrão normalmente significa apenas “pé”. No contexto dos trechos acima, *Fuß* significa “perna”. É relevante observar que nos contextos

de diálogos coloquiais entre Hans e seu pai normalmente surge o uso da palavra *Fuß* com o significado de “perna”. Na parte III, em que Freud faz suas considerações técnicas, lança mão da palavra *Bein* no seu sentido comum de “perna” em alemão padrão.

Por vezes, é mister incluir uma N.T. para estabelecer um diálogo com a própria nota de rodapé escrita por Freud, pois, amiúde, também em suas notas autorais, fora necessário explicar alguma expressão. No exemplo mostrado a seguir, trata-se de um jogo fônico entre duas palavras alemãs, para o qual não há correspondência lúdico-fônica em português. Observe-se que aparecerá a nota autoral de Freud e, entre colchetes, a N.T. logo em seguida:

Eu explico que Hans não está querendo afirmar que pegou a bobagem àquela época, mas em associação com aquela época. Certamente as coisas precisam dar-se de forma tal – a teoria o exige – que aquilo que um dia foi objeto de um grande prazer hoje é o objeto da fobia. E então acrescento por ele aquilo que a criança não consegue verbalizar, ou seja, que as palavrinhas “por causa” abriram o caminho para que a fobia se estendesse do cavalo para os coches (Hans fala o plural desta última palavra de uma maneira singular). Nunca se deve esquecer que uma criança trata as palavras de forma muito mais concreta do que um adulto e como, para ela, é importante um caso de homofonia. [N. do trad.: Em sua “maneira singular” de pronunciar o suposto plural de *Wagen*, “coche” em alemão, Hans fala a palavra *Wägen*, em vez de *Wagen* (forma correta), que coincide com a pronúncia da palavra alemã *wegen*, que significa “por causa de”; dessa forma, acaba criando um caso de homofonia].

### 3. O Homem dos Lobos

Com relativa frequência, Freud alude a obras literárias conhecidas, sem apresentar referências bibliográficas em suas notas. Cabe ao tradutor reconhecer essas citações indiretas e menções não referenciadas. Algumas vezes, trata-se de obras bastante consagradas, mas, em suas citações, podem surgir pequenas surpresas. Veja-se este exemplo extraído do final da introdução do caso clínico em questão:

Die Leser mögen wenigstens überzeugt sein, daß ich selbst nur berichte, was mir als unabhängiges Erlebnis, unbeeinflusst durch meine Erwartung, entgegengetreten ist. So blieb mir denn nichts übrig, als mich des weisen

Wortes zu erinnern, es gebe mehr Dinge zwischen Himmel und Erde, als unsere Schulweisheit sich träumen lässt. Wer es verstünde, seine mitgebrachten Überzeugungen noch gründlicher auszuschalten, könnte gewiß noch mehr von solchen Dingen entdecken. (FREUD, 1999c, p. 34-35).

Os leitores podem, no mínimo, estar convictos de que eu mesmo somente relato aquilo com que me tenha deparado como experiência independente, sem influência de minha expectativa. Assim, só me restava recordar as sábias palavras: há mais coisas entre o céu e a terra do que sonha nossa filosofia. Quem soubesse eliminar mais escrupulosamente as convicções trazidas consigo certamente conseguiria descobrir ainda mais dessas coisas.

Em uma N.T., propõe-se a seguinte explicação para deixar claro o motivo por que não se recorreu, na tradução desse trecho, à frase já cunhada em português do Brasil e comumente repetida por todos:

Freud faz referência a uma fala de Hamlet, que, comovido ao se deparar com o espírito de seu pai, diz a seu amigo Horácio: *There are more things in heaven and earth, Horatio, than are dreamt of in your philosophy*. Note-se que a tradução desse trecho em português brasileiro aqui foi feita de forma relativamente livre, tomando-se por base a frase alemã e o original de Shakespeare. Por esse motivo, ao contrário de uma versão já consagrada no vernáculo, não se recorreu ao adjetivo “vã” [filosofia], que inexistente tanto na versão em inglês quanto na alemã.

Quando criança, o paciente que ficou conhecido como o *homem dos lobos* tinha uma babá russa, cujo nome Freud representou com esta grafia: *Nanja*. Seu procedimento está correto numa transliteração do russo para o alemão, mas, ao transliterar esse nome para a nossa língua, essa estratégia precisa ser alterada, levando-se em consideração as normas gráfico-fonéticas do português brasileiro. Eis o trecho em que surge o nome da babá: “Die Engländerin hatte die Kinderfrau wiederholt eine Hexe geheißen, sie gezwungen, das Zimmer zu verlassen; der Kleine hatte offen die Partei seiner geliebten ‚Nanja‘ genommen und der Gouvernante seinen Haß bezeigt” (FREUD, 1999c, p. 37). Eis a proposta de tradução desse trecho: “A inglesa chamara repetidas vezes a babá de bruxa, obrigara-a a sair do aposento; o garoto tomara partido abertamente por sua

‘Nânia’, mostrando, assim, seu ódio à governanta”. Aplica-se, nesse caso, a seguinte N.T.:

O garoto fora criado na Rússia czarista, por isso o uso do termo *Nanja*, escrito em alemão, como referência ao termo *babá* em russo (няня). Adotamos aqui a escrita “Nânia”, que mais se aproxima da pronúncia do vocábulo original.

Em um fragmento em que faz referência a uma tradição literária oral e escrita alemã, sem necessidade de apresentar referências, Freud, mais uma vez, coloca o tradutor perante o dilema de decidir se deve ou não recorrer a uma N.T. Eis o trecho original: “Er hörte die Geschichte (aus Reineke Fuchs) vorlesen, wie der Wolf im Winter Fische fangen wollte und seinen Schwanz als Köder benützte, wobei der Schwanz im Eis abbrach” (FREUD, 1999c, p. 49). Em português brasileiro, propõe-se esta versão: “Escutou a leitura da história (extraída de “Reineke, a raposa”), em que o lobo queria pegar peixes no inverno e, ao usar o rabo como isca, este se partiu no gelo”. Para esse fragmento, apresentaram-se duas N.T. A primeira, como já se aludiu acima, diz respeito a *Reineke Fuchs*:

Originalmente, “Reineke, a Raposa” (em alemão: *Reineke Fuchs*) é um poema épico que remonta à Idade Média, cujo personagem principal é uma raposa astuta e travessa. Ao longo dos séculos surgiram diferentes variações sobre esse tema, dentre os quais se destaca o poema épico homônimo de Johann Wolfgang von Goethe, publicado em 1794 e composto de 12 cantos em versos hexâmetros.

A segunda N.T. faz menção ao caráter ambíguo do vocábulo *Schwanz*, que aparece, algumas vezes, ao longo dessa história clínica. Para que os leitores brasileiros possam ter uma ideia da outra acepção por trás dessa palavra no original, propõe-se esta N.T.: “Observe-se que, na língua alemã, a palavra *Schwanz*, utilizada por Freud no texto original e aqui traduzida como ‘rabo’, não tem, na linguagem popular, nenhuma conotação relacionada a ‘traseiro’, mas sim ao órgão sexual masculino”.

Nos textos de suas histórias clínicas, é comum Freud usar diferentes palavras para referir-se à mulher. Nem sempre é possível, durante o processo tradutório, encontrar sempre um único correspondente ideal para cada uma das palavras utilizadas por ele. Tome-se aqui, a título de exemplo, a palavra *Weib*, para, em seguida, apresentar-se uma proposta de N.T.,

em que são explicadas as diferentes acepções das palavras empregadas por Freud, no caso clínico *O Homem dos Lobos*, para fazer menção à figura feminina. Eis o trecho escolhido:

Unter dem fortwirkenden Einfluß dieses Erlebnisses beschrieb er nun den Weg von der Schwester über die Nanja zum Vater, von der passiven Einstellung zum Weib bis zu der zum Manne und hatte dabei doch die Anknüpfung an seine frühere spontane Entwicklungsphase gefunden.

Agora, sob o efeito duradouro dessa experiência, ele descrevia o caminho que leva desde a irmã, passando pela Nânia, até chegar ao pai, da orientação passiva para a mulher até a orientação passiva para o homem; e, nesse contexto, encontrara a conexão com sua fase espontânea mais precoce de desenvolvimento.

Para a questão acima, propõe-se uma N.T. relativamente longa, que contenha o máximo possível de elementos esclarecedores da existência de diferentes vocábulos em alemão para exprimir a pessoa feminina e seus usos restritos e/ou amplos. A nota proposta é a seguinte:

No original, Freud utiliza a palavra *Weib* para designar a mulher como *parceira no ato sexual em oposição ao homem*. Atualmente, o termo *Weib* tem uma carga bastante pejorativa em alemão, denotando, por exemplo, a mulher como *objeto de cobiça sexual* ou como *potencial parceira sexual*. Em português, existe o termo *fêmea*, que, como atesta o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, estatisticamente é pouco usado no sentido de *ser humano do sexo feminino*. Ademais, devido à carga negativa que a palavra *fêmea* encerra, optamos, nesta tradução, pelo termo *mulher*, que sempre será mantido nos trechos em que surgir o termo *Weib* no sentido acima exposto. Ressalte-se, porém, que, em alemão, também se pode encontrar o vocábulo *Frau*, que, a depender do contexto, poderá ter os seguintes correspondentes em português: a) *mulher* (pessoa adulta do sexo feminino); b) *esposa* (em oposição a *marido*); ou ainda c) *senhora* (proprietária de uma casa ou termo usado como tratamento cerimonioso em geral combinado com um sobrenome, independentemente de se tratar de uma mulher casada ou solteira).

Também na história clínica ora tomada como exemplo, vê-se o emprego da palavra *Fuß* em seu sentido austríaco, que, para um tradutor acostumado ao uso do alemão padrão, pode causar mal-entendidos: "Auf diesem Bild stand der Wolf aufrecht, mit einem Fuß ausschreitend, die Tatzen ausgestreckt

und die Ohren aufgestellt. Er meint, dieses Bild habe als Illustration zum Märchen vom Rotkäppchen gehört”. Como trecho correspondente em português brasileiro, a proposta de tradução é esta: “Nessa imagem, o lobo estava em posição ereta, com uma perna estendida, as garras estiradas e as orelhas erguidas. Segundo ele, essa imagem seria uma ilustração que fazia parte do conto de fadas *Chapeuzinho Vermelho*”. Numa N.T., explica-se a opção pelo termo “perna” para se traduzir o que poderia ser entendido, partindo-se do alemão padrão, como “pé/pata”:

No alemão padrão utilizado na Áustria, a palavra *Fuß*, utilizada por Freud no original, pode significar *pé*, mas também *perna*. Opta-se aqui por *perna*, por se entender que o animal normalmente não estenderia apenas o *pé/a pata*, mas a *perna*, de que faz parte a *pata*.

Em outro trecho desse caso clínico, Freud recorre a um jogo de palavras que, em português, poderia existir, se a história tivesse acontecido originalmente em língua portuguesa. Examine-se o trecho original e a proposta de tradução:

Das Schicksal schenkte ihm einen sonderbaren Anlaß, seine Wolfsphobie in der Gymnasialzeit aufzufrischen und die Relation, die ihr zu Grunde lag, zum Ausgang schwerer Hemmungen zu machen. Der Lehrer, der den lateinischen Unterricht seiner Klasse leitete, hieß Wolf.

O destino brindou-o com um motivo especial para reavivar sua fobia a lobos durante o período ginásial e transformar a relação subjacente a essa fobia em fonte de graves inibições. O sobrenome do professor que ensinava latim em sua turma era Wolf.

Como afirmamos antes, se a história tivesse acontecido em um ambiente de língua portuguesa, e o professor se chamasse *Lobo*, o jogo de palavras seria plausível. Numa N.T., explica-se: “*Wolf* é um sobrenome que tem como correspondente *Lobo* em português”. Acrescente-se que não é comum, em textos dessa natureza, proceder-se à tradução de sobrenomes.

### Considerações finais

Como mostram os exemplos abordados acima, os casos clínicos de Sigmund Freud são fontes praticamente inesgotáveis para se discutir a necessidade e a plausibilidade

de estratégias metatextuais – a saber, notas explicativas dentro do texto, notas de rodapé, de fim de página, fim de capítulo, fim de livro, marginais etc. –, que possibilitem, a leitores carentes de informações, explicações além daquelas contidas no próprio corpo do texto. Uma vez que as N.T. normalmente não são decisão única e exclusiva dos tradutores, é necessário que elas também passem pelo crivo dos revisores e editores responsáveis. Quando o autor ainda é vivo e acompanha, de forma direta, a produção de alguma tradução de uma obra sua, também é possível que ele próprio delibere acerca da necessidade ou não de se recorrer a N.T. para explicitar trechos de seus textos.

Mediante os exemplos elencados, visou-se a elencar diferentes campos de empregos de N.T., que podem ser resumidos desta forma: a) emprego de jogos semânticos e/ou fônicos de palavras para as quais o tradutor não encontra correspondentes na língua de chegada; b) uso de palavras sinônimas ou quase sinônimas; c) palavras com duplo sentido na língua de partida, mas que, na língua de chegada, só têm este ou aquele significado, a depender do contexto; d) comentários sobre convenções linguísticas próprias da língua original, causando dificuldades no texto vernacular; e) recurso a diferentes níveis/registros de fala; f) emprego da forma diminutiva em nomes próprios; g) transliteração de palavras oriundas de uma terceira língua; h) uso de termos eruditos em oposição a seus sinônimos de uso cotidiano; i) tradução de citações literárias; j) uso de austriacismos em oposição ao emprego do alemão padrão, dentre outros.

## REFERÊNCIAS

FREUD, S. Bruchstück einer Hysterie-Analyse. In: *Werke aus den Jahren 1904-1905*. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 1999a.

\_\_\_\_\_. Analyse der Phobie eines fünfjährigen Knaben. In: *Werke aus den Jahren 1906-1909*. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 1999b.

FREUD, S. Aus der Geschichte einer infantilen Neurose. In: *Werke aus den Jahren 1917-1920*. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 1999c.

\_\_\_\_\_. *As pulsões e seus destinos*. Tradução de Pedro Heliodoro Tavares. Edição bilíngue. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.

GENETTE, G. *Seuils*. Paris: Éditions du Seuil, 1987.

\_\_\_\_\_. *Paratextos editoriais*. Tradução de Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

GENTZLER, E. *Teorias Contemporâneas da Tradução*. Tradução de Marcos Malvezzi. São Paulo: Madras, 2009.

HOLMES, J. S. The Name and Nature of Translation Studies. In: James S. Holmes, *Translated Papers on Literary Translation and Translation Studies*, Amsterdam: Rodopi, 1972. p. 67-80.

MITTMANN, S. *Notas do tradutor e processo tradutório. Análise e reflexão sob uma perspectiva discursiva*. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2003.

NIDA, E. A. *Towards a Science of Translation*. Leiden: E. J. Brill, 1964; 2003.

REISS, K.; VERMEER, H. *Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie*. 2 ed. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1991.

RÓNAI, P. *A tradução vivida*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1975; 1981.

SNELL-HORNBY, M. *Translation Studies. An integrated approach*. 3 ed. revista. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1988; 1995.

\_\_\_\_\_. *The turns of Translation Studies*. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2006.

STOLZE, R. *Übersetzungstheorien. Eine Einführung*. 6 ed. Tübingen: Narr Verlag, 2011.

## **Abstract**

### **The use of translator's notes in the Brazilian translation of three case histories by Sigmund Freud**

*This article aims to present, firstly, a discussion on the use of translator's notes. For this purpose, authors such as Genette (1987; 2009), Nida (1964; 2003), Rónai (1975; 1981) and Mittmann (2003) are quoted. Secondly, it is intended here to present a concrete discussion on the utility of translator's notes from examples drawn from the Brazilian version – which is still a work in progress – of three case histories by Sigmund Freud. By means of presenting the original passages in German contrasted with the proposals of translation in Brazilian Portuguese, the expressions or the sections that cause the need of using translator's notes will be indicated. Then, the proposed translator's notes for the Brazilian translations that will soon be published will always be presented and discussed. As a result, this article shows that, without the use of certain translator's notes, some passages of the three case histories by Freud would be, in the Brazilian Portuguese version, barely comprehensible.*

**Keywords:** *translator's notes; case histories; Freud; German; Brazilian Portuguese.*